



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Câmpus de São José do Rio Preto

WARLEY ÁVILA

**Aspectos do Cotidiano, Sistema Escolar, Ensino de Ciências e  
Física de Guiné-Bissau:  
Relatos de um professor guineense**

São José do Rio Preto  
2022

WARLEY ÁVILA

**Aspectos do Cotidiano, Sistema Escolar, Ensino de Ciências e  
Física de Guiné-Bissau:**  
Relatos de um professor guineense

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Física, junto ao Conselho de Curso de Licenciatura em Física, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Monica Abrantes Galindo de Oliveira

São José do Rio Preto  
2022

A958a	<p>Ávila, Warley</p> <p>Aspectos do cotidiano, sistema escolar, ensino de ciências e física de Guiné-Bissau : Relatos de um professor Guineense / Warley Ávila. -- São José do Rio Preto, 2023</p> <p>54 p.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto</p> <p>Orientadora: Monica Abrantes Galindo de Oliveira</p> <p>1. Ensino de física. 2. Guiné-Bissau. 3. Decolonialidade. 4. Ensino de ciências. 5. Lei 10639/2003. I. Título.</p>
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

WARLEY ÁVILA

**Aspectos do Cotidiano, Sistema Escolar, Ensino de Ciências e Física de Guiné-Bissau:**

Relatos de um professor guineense

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Física, junto ao Conselho de Curso de Licenciatura em Física do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Monica Abrantes Galindo  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto  
Orientadora

Prof<sup>a</sup>. Ma. Mariana Alves de Sousa  
UNESP – Câmpus de Marília

Prof. Dr. José Brás Barreto de Oliveira  
UNESP – Câmpus de Bauru

São José do Rio Preto  
21 de janeiro de 2022

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Taísa Tavares Baldassa a qual mostrou e incentivou este caminho do conhecimento acadêmico.

Também a meu falecido pai durante a pandemia e mãe pelo apoio financeiro e pelos privilégios concedidos para que eu pudesse voltar a estudar.

E também a alguns amigos, professores e orientadora Monica que de alguma forma contribuíram com o meu conhecimento.

Também a quem aqui está lendo que está, de alguma forma, contribuindo com as ciências.

## RESUMO

A população negra é a maioria no Brasil, por conta disto, seria razoável imaginar que os costumes étnicos e culturais de origem africana fossem os mais comuns no país, mas vemos na prática que a realidade é outra, pois a cultura eurocêntrica é predominante nos países colonizados pelos europeus. Para contornar isso, movimentos negros lutaram por seus direitos durante os anos com pequenas, mas contínuas conquistas, sendo uma delas a lei 10639/2003 que se faz obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, para estimular o conhecimento da cultura da maioria, fugindo do eurocentrismo e tornando uma sociedade mais decolonial. Assim, ao fazer uma pesquisa nos principais eventos de divulgação de ciências sobre os assuntos étnico-racial, África, Guiné-Bissau, raça, racismo e decolonialidade, concluiu-se que existem poucos trabalhos sobre estes temas. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva conhecer um pouco mais da cultura, da educação, do ensino de ciências e física do país de Guiné-Bissau, a partir do relato via entrevista com um professor nascido em Guiné-Bissau, que está no Brasil desde 2006, sobre como foi sua vida escolar, suas motivações e dificuldades, além de explicar como é a estrutura de ensino e como é ensinado a física e as ciências durante os anos iniciais de estudo.

**Palavras-chave:** Guiné-Bissau. Ensino de Física. Ensino de Ciências. Lei 10639/2003. Decolonialidade.

## ABSTRACT

The black population is greater than others in Brazil, because of this, would be fair enough imagine the ethnic and cultural customs of African origins were the most common in the country, but it is not what we see in the reality, as the Eurocentric culture is predominant in countries colonized by the Europeans. To get around this, black movements fought for their rights during the years with small but continuous achievements, one of them is the Brazilian law 10639/2003 which makes mandatory teaching of Afro-Brazilian history and culture in schools, in order to stimulate knowledge of these cultures, fleeing Eurocentrism and make a more decolonial society. Thus, when we do a survey in the main dissemination science events about the subjects: ethnic-racial, Africa, Guinea-Bissau, race, racism and decoloniality, it was concluded that there are few works on these themes. Therefore, the present work aims to know a little more about culture, education, science and physics teaching in the country of Guinea-Bissau, from a report via interview with a teacher born in Guinea-Bissau, who has been in Brazil since 2006, about his life, motivations and difficulties, as well as explaining the teaching structure and how physics and science are taught during the early years of study.

**Keywords:** Guinea-Bissau. Physics Teaching. Science Teaching. Law 10639/2003. Decoloniality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de Guiné-Bissau com as divisões administrativas	27
Figura 2 - Características definidoras da Análise de conteúdo	36
Gráfico 1 - Porcentagens de artigos encontrados com a temática de racismos, étnico-racial, decolonialidade, epistemologias do Sul e racismo científico pesquisado nos respectivos anos e eventos, sendo eles ENPEC, EPEF e SNEF.	23
Gráfico 2 - Relação de quantidade de artigos publicados por temas de cada	24
Gráfico 3 - Percentagem de falantes de diversas línguas na Guiné-Bissau	29
Quadro 1 - Regiões da Guiné-Bissau e suas respectivas capitais	27
Quadro 2 - Apresenta os dados quanto a educação em Guiné-Bissau, sobre a idade de entrada nas etapas específicas, a duração de cada etapa e a quantidade de professores por etapa.	34



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade total de artigos publicados no ano correspondente e também a quantidade total de artigos encontrados com base nas palavras chaves e com a temática proposta, pesquisados nos eventos ENPEC, EPEF e SNEF.	22
Tabela 2 - Representação da porcentagem de artigos encontrados com os temas pesquisados em cada ano dos eventos ENPEC, EPEF e SNEF.	23

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>MEC</b>	Mistério da Educação
<b>ENPEC</b>	Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências
<b>EPEF</b>	Encontro de Pesquisa em Ensino de Física
<b>SNEF</b>	Simpósio Nacional de Ensino de Física
<b>PAIGC</b>	Partido Africano Para a Independência de Guiné e Cabo Verde
<b>INEC</b>	Instituto Nacional de Estatística e Censo
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

## LISTA DE SÍMBOLOS

**km<sup>2</sup>**      Quilometro ao quadro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>A LEI 10639/2003</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>PANORAMA DO CONTEXTO CIENTÍFICO ATUAL</b>	<b>18</b>
<b>4.1</b>	<b>Dos eventos</b>	<b>19</b>
<b>4.2</b>	<b>Panorama ENPEC</b>	<b>19</b>
<b>4.3</b>	<b>Panorama EPEF</b>	<b>20</b>
<b>4.4</b>	<b>Panorama SNEF</b>	<b>21</b>
<b>4.5</b>	<b>Análise do panorama de todos os eventos</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>DESCOLONIALIDADE, DESCOLONIALIDADE E A COLONIALIDADE</b>	<b>25</b>
<b>6</b>	<b>BREVE HISTÓRIA SOBRE GUINÉ-BISSAU</b>	<b>26</b>
<b>6.1</b>	<b>A educação em Guiné-Bissau em diferentes contextos</b>	<b>31</b>
<b>6.2</b>	<b>A estrutura do ensino em guiné-bissau</b>	<b>32</b>
<b>7</b>	<b>A ENTREVISTA</b>	<b>34</b>
<b>8</b>	<b>METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>35</b>
<b>9</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS E RESPOSTAS DA ENTREVISTA</b>	<b>37</b>
<b>9.1</b>	<b>O início escolar</b>	<b>37</b>
<b>9.2</b>	<b>A estrutura curricular</b>	<b>38</b>
<b>9.3</b>	<b>Português e a educação</b>	<b>39</b>
<b>9.4</b>	<b>Dificuldades</b>	<b>40</b>
<b>9.5</b>	<b>Motivações para o estudo</b>	<b>41</b>
<b>9.6</b>	<b>Governo e a educação</b>	<b>42</b>
<b>9.7</b>	<b>As lembranças do ensino de ciências e física</b>	<b>44</b>
<b>10</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>45</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>48</b>
	<b>APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA</b>	<b>52</b>
	<b>APÊNDICE B - RELAÇÃO DE OBJETIVOS E PERGUNTAS A SEREM FEITAS</b>	<b>53</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A população negra abrange os(as) cidadãos(ãs) que se declaram pretos ou pardos no Brasil e representa um percentual significativo no território nacional. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) (2010), o grupo étnico-racial em questão representa cerca de 54% da população total do país. Sendo assim, em comparação com o percentual populacional, a cultura afro-brasileira deveria ter bastante relevância no país, o que evidentemente não acontece.

Nossa sociedade, tem mantido costumes e tradições eurocêntricas, herdadas da população europeia, colonizadora do continente americano. Essas tradições foram e têm sido impostas pelos colonizadores, como demonstrado por Quijano (2005), com a demonstração de força, os colonizadores fazem com que a história antecessora do país colonizado não exista, além de fazer uma discriminação com as populações presentes, de forma a fazê-la parecer inferior, e com isso, ter o poder de impor a cultura do colonizador com o argumento de que ela é a superior.

Mesmo com o passar dos anos essa imposição cultural ainda se perpetua, e durante alguns períodos se intensificou de diferentes formas, como visto nos períodos entre as guerras mundiais nos anos de 1917 a 1945, época em que se tornou ainda mais forte o eugenismo e segregação de determinados grupos étnico-raciais com aspectos culturais dissidentes ao parâmetro eurocentrado.

Esse movimento não é diferente no Brasil, o que fez com que a cultura no país se tornasse mais eurocêntrica. A segregação cultural no Brasil, reforçada pela discriminação racial e concatenada da controversa abolição da escravatura dos negros no país, fez com que a população negra começasse a se organizar e a criar movimentos contra esses costumes, tais movimentos ocorreram paralelamente por toda América como é visto historicamente.

Apesar da incidência das readaptações das formas de dominação e exploração coloniais que se expressam por meio do racismo estrutural ainda na atualidade, a mobilização dos movimentos negros ao longo da história resultou em diversas conquistas de direitos sociais, civis e políticos à população negra, conquistas, que fizeram com que fossem redigidas leis para minimizar os impactos das injustiças causadas durante todos esses anos. Mas voltando à cultura que deveria ser a mais influente, nota-se a pouca mudança quanto a isso e mesmo que haja leis para diminuir

tais prejuízos, como a lei brasileira de 10639/2003 que inclui nos currículos de ensino a obrigatoriedade do ensino de cultura afro-brasileira, as mudanças ainda são poucas.

Portanto, ainda há trabalho para que esta luta tenha mais efetividade, como aumentar o acervo de pesquisa e conhecimento sobre a cultura afro-brasileira, para também potencializar a luta contra a colonialidade e a cultura eurocêntrica.

## **2 OBJETIVOS**

O objetivo principal deste trabalho é apontar alguns aspectos do cotidiano e do sistema escolar, em especial do ensino de ciências do país de Guiné-Bissau, a partir dos relatos de um ex-morador e nativo do país, atualmente professor, Doutor no Brasil.

Sendo assim, os objetivos específicos são: saber como é o sistema educacional de Guiné-Bissau, como são os prédios das escolas, os funcionários e professores, a relação do governo com o ensino e como era o ensino de ciências, sobretudo a física.

A partir desses objetivos, é possível conhecer um pouco mais do sistema educacional, um pouco de como é estruturado o ensino, além de ser possível entender como é o ensino de ciências no país, além de também saber um pouco das dificuldades e outros temas que possam ser relevantes relacionados com a educação.

Para atingir os objetivos propostos, foi feita uma entrevista semiestruturada com um professor nascido e criado do país em questão, a fim de explicitar seu ponto de vista sobre os aspectos do sistema educacional, de como é formulado este sistema, como é colocado em prática e, também, como é a estrutura física e organizacional das escolas de Guiné-Bissau.

Outro dado relevante, o qual deve ser explorado como objetivos secundários, são as dificuldades que ele teve e a perspectiva das dificuldades que os amigos tiveram durante o período escolar. Tendo como questionamentos as causas que geraram todas as dificuldades, além dos motivos políticos que puderam causar esses problemas e também as opiniões quanto a todo o processo educacional.

Em paralelo a isso, buscar entender tais dificuldades e de quais formas foram superadas, quais os principais motivadores do entrevistado e também, saber da trajetória que o fez chegar ao patamar atual, o qual obteve título de doutor em ciências sociais no ano de 2020, título este recebido no Brasil.

A partir deste estudo, é possível identificar elementos mais específicos sobre o ensino de ciências no contexto de Guiné-Bissau, bem como compreender os

processos históricos, que se desdobraram no atual sistema educacional do país. Saber como era dividido cada ano escolar, as disciplinas estudadas em cada ano, se havia a divisão de professores para cada uma e também se havia o déficit de profissionais em alguma área.

## **2.1 Justificativa**

O presente trabalho se justifica a partir do panorama do contexto científico atual dos artigos publicados em eventos, os quais serão dispostos posteriormente, porém é relevante mencionar a escassez dos trabalhos sobre a temática étnico-racial, racismo, decolonialidade, e estudos sobre a África, em relação a todos os trabalhos publicados nos principais eventos acadêmicos de ensino de ciências.

Além disso, dentro dessas publicações e de outras, não foi encontrada nenhuma abordagem quanto ao tema e objetivos propostos de se ter maior conhecimento dos aspectos do cotidiano e do sistema escolar, em especial do ensino de ciências, a partir de um ex-morador e nativo de Guiné-Bissau.

Embora haja artigos com semelhanças nos temas pesquisados, este trabalho se torna bastante justificável ao apresentar tal panorama, a fim de, modestamente, aumentar este acervo, da mesma forma, poder agregar na literatura conhecimentos sobre a cultura africana.

Tendo conhecimentos desses dados, e a partir da visão de uma pessoa nascida e criada em Guiné-Bissau, foi possível compreender um pouco da educação em GB e também discutir e divulgar estes conhecimentos, pois como o Brasil dispõe da lei 10.639/2003, a qual propõe o ensino de cultura Afro-brasileira nas escolas, este pode servir para agregar ou ampliar os conhecimentos sobre a África contemporânea a qual pode ser utilizada para que a lei seja de fato aplicada.

Sendo assim, ao fazer a entrevista semiestruturada com o ex-morador de Guiné-Bissau e tomando os assuntos sobre o país, cultura e o sistema educacional, tais visões e opiniões podem contribuir para a construção de uma efetiva aplicação da lei 10639/2003, pois trazem informações da cultura do país e podem agregar conhecimentos gerais e também sobre a educação no mesmo.



### 3 A LEI 10639/2003

Com base nos dados do IBGE a representa cerca de 54% da população brasileira, sendo assim, a representatividade e a cultura desta maior fração deveriam estar mais presentes na sociedade. (PRUDENTE, 2020). Entretanto, observa-se o contrário disto, a população negra acaba sendo excluída da sociedade por diversos fatores, como escolaridade e classe social. Embora o Brasil tenha melhorado os fatores de desenvolvimento nos anos 90, não conseguiu diminuir a desigualdade em proporção. (LEITE, 2010).

Ainda de acordo com Leite (2010), com o passar dos anos o movimento negro vem mobilizando discussões sobre os pressupostos da democracia racial, a qual se conclui ser um mito. Além disso, questionar a forma de educação, esta que sofre influências de pensamentos eugenistas consolidadas entre os anos de 1917 e 1945 e que orientaram as reformas da educação nos anos posteriores.

Para que haja uma maior igualdade a toda população, é necessário que haja efetividade das leis que objetivam promover a equidade. Tonácio *et al.* (2015), mostra que o marco inicial para tal, deu-se a partir da constituição de 1988, onde só então se fez crime a discriminação racial, e também no artigo 27 da mesma, incluiu-se que na educação deveria haver difusão dos valores sociais e o respeito comum.

Desta forma, a escola deveria incluir e fazer com que os princípios de constitucionalidades se fizessem valer, trabalhando com as questões de diversidade cultural, e também indicando a necessidade de se conhecer e considerar a cultura de diversos grupos étnicos (GONÇALVES, 2006).

A partir disso, como resultado dos processos de luta do Movimento Negro, como afirma Tonácio *et al.* (2015), foi promulgada a lei de número 10639/2003 a qual altera as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e que somente inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática de história e cultura Afro-brasileira. Nota-se que por conta da lei, há um movimento estruturado para que seja dado um passo para diminuir a desigualdade, embora, na prática, esse movimento venha tendo passos curtos.

Assim, como afirma Alves (2017), a luta para que houvesse essa modificação acontece bem antes da data de 2003, já em 20 de novembro de 1995 na marcha de Zumbi contra o racismo, ato referente aos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, no qual objetivava denunciar a difícil situação econômica, social e falta de acesso aos

direitos constitucionais pela população negra. Nesta marcha, foi entregue ao presidente da república um “programa de superação do racismo e da desigualdade racial”, tendo nele um tópico sobre a escola e que denuncia o modelo educacional que atenta contra a dignidade humana e o racismo presente em conteúdos eurocêntricos.

Como é visto historicamente, tais leis e direitos só foram conquistados a partir dos movimentos sociais, principalmente da população negra junto àqueles que lutavam por igualdade. Para que houvesse esse mínimo de direito conquistado, após tanta repressão, foram necessários muitos anos para se efetivar as reivindicações, o que acaba sendo contraditório cobrar justiça do meio normativo.

Embora a lei tenha sido efetivada há quase 20 anos, nota-se que o movimento para a aplicação da lei foi pouco efetivo, tanto nas escolas, quanto nas publicações. Assim como mencionado por Silva (2013), após 10 anos da promulgação da lei, verificou-se que ainda havia estados que não tinham criado condições materiais e/ou financeiras para a devida implantação no currículo, além do não aumento de recursos disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC) para que houvesse a implementação dos materiais didáticos, e também para a formação de professores.

Sendo assim, pode-se argumentar da validade deste trabalhando, tentando fazer com que ele seja um motivador a mais para que este tema e a lei sejam mais abordadas em outros trabalhos e se abram mais pesquisas e discussões neste foco, já que o Brasil é mais da metade da cultura dita afro-brasileira.

#### **4 PANORAMA DO CONTEXTO CIENTÍFICO ATUAL**

Para que se tenha esse entendimento do panorama atual no contexto científico, foi realizada pesquisa nos principais eventos da área de ensino de ciências com intuito de mensurar e quantificar o número de pesquisas relacionadas ao tema. Das pesquisas, foram verificadas as palavras chaves étnico-racial, África, Guiné-Bissau, raça, racismo, decolonialidade, e as abreviações delas para ter uma abrangência maior de pesquisa dos artigos científicos publicados nos eventos de maior relevância, sendo eles o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), Encontro de Pesquisa em Ensino de Física (EPEF) e Simpósio Nacional de Ensino de Física (SNEF).

A pesquisa dos conteúdos foi feita nos eventos a partir do ano de 2015 até o ano de 2020, utilizando-se das ferramentas de busca disponibilizadas pelo próprio

portal de cada evento ou listando todos os trabalhos disponibilizados no evento e utilizando o atalho de pesquisa por palavra do navegador de internet.

Esses eventos científicos acontecem a cada dois anos, nos quais os cientistas das respectivas áreas têm a oportunidade de divulgar e publicar seus trabalhos. Para que haja tal publicação, os trabalhos passam por um crivo de aceitação sendo submetidos a uma avaliação por pares quanto ao formato e conteúdo.

Tem-se neles diversas atividades como minicursos, rodas de conversa e/ou mesas redondas, além das apresentações dos trabalhos dos inscritos, seja em formato de artigo ou de poster, que acontecem em salas específicas para esse fim.

#### **4.1 Dos eventos**

O ENPEC, é o encontro nacional de pesquisa em educação em ciências promovido pela associação brasileira de pesquisa em educação em ciências (ABRAPEC). Tem como objetivo reunir pesquisadores das áreas de ciências, como a física, química, biologia e correlatas, a fim de discutir trabalhos de pesquisa sobre educação em ciências, contando com mesas-redondas, apresentação de pôsteres e trabalho completo, rodas de conversa e encontros. (ENPEC, 2019).

O EPEF se trata do encontro de pesquisa em ensino de física, que assim como o ENPEC, visa reunir pesquisadores para debates de diversos temas voltados para o ensino, porém para a área da física (EPEF, 2020). Por fim, o SNEF, simpósio nacional de ensino de física, como é explicado por Bortoletto *et al.* (2007), este evento, diferente do EPEF, aceita comunicações de pesquisa, relatos e outras atividades relacionados ao ensino de ciências.

Assim, dada a magnitude dos eventos, eles acabam tendo grande relevância no meio acadêmico, pela importância dada a pesquisa e também pela visibilidade que se pode obter com a grande quantidade de pessoas que participam e discutem a ciência em cada evento.

#### **4.2 Panorama do ENPEC**

A primeira pesquisa, dentre os eventos citados, foi feita na página evento ENPEC de 2015, no qual foram submetidos 1768 trabalhos e aceitos 1272. Das consultas feitas pela ferramenta de busca disponibilizada pela própria página do

evento, foram encontrados seis artigos relacionados aos temas requeridos. Para confirmar a eficiência do sistema de busca do site, foi feita uma busca na qual eram exibidos todos os trabalhos publicados e o resultado da quantidade foi exatamente o mesmo.

Dentre os artigos encontrados, eles foram divididos pela temática que cada um aborda. Sendo assim, com base nos resultados das análises, tem-se que dentre os seis artigos encontrados, quatro deles abordam o tema racismo, um sobre racismo científico e o outro tem o tema das relações étnico-raciais.

Posteriormente foi realizada a pesquisa na página do evento do ENPEC de 2017, neste foram submetidos 1840 e aprovados 1335 trabalhos. Da mesma forma como feito anteriormente, utilizou-se a ferramenta de busca do próprio portal com as palavras relacionadas às destacadas anteriormente e foram encontrados sete trabalhos.

Da mesma forma como feito anteriormente, os artigos encontrados foram separados pelas temáticas as quais eles se referiam, sendo assim, dos sete trabalhos encontrados, quatro deles são sobre as relações étnico-raciais, outros dois são sobre racismo científico e o outro sobre as epistemologias do sul.

Para a pesquisa na página do evento de 2019 do ENPEC foi utilizado novamente a ferramenta de busca do próprio portal com as palavras chaves destacadas anteriormente. Para o evento, foram submetidos 1752 trabalhos e 1249 aprovados. Neste ano, com as mesmas palavras, foram encontrados 13 trabalhos com as palavras-chaves especificadas.

Dentre os trabalhos, os quais novamente foram separados pela temática abordada pelos mesmos, destes 13 artigos, sete deles tratam das relações étnico-raciais, dois sobre o racismo, três sobre decolonialidade e um sobre racismo científico

### **4.3 Panorama EPEF**

O evento do EPEF 2016 contou com inscrições de trabalhos sem distinção de área de pesquisa, ou seja, trabalhos de qualquer assunto ou área da física pôde ser submetido. Como o site ainda não continha ferramenta de busca, a pesquisa dos artigos foi feita manualmente sala a sala de apresentação, porém somente na área da Educação. Desta forma, foram encontrados somente 160 artigos e pôsteres nesses requisitos, mas nenhum que abordasse os requisitos com as palavras-chaves.

Já no EPEF 2018, a busca foi feita exatamente igual ao ano anterior, e dela então foram encontrados no total 174 artigos publicados, mas nenhum artigo com a menção das palavras-chaves em questão.

Para o evento do EPEF 2020, o site passou a contar com um sistema de busca por palavra-chave, o qual foi efetivamente utilizado, porém ainda não havia divulgação explícita da quantidade de artigos aceitos no evento, por isso a contagem foi feita novamente sala a sala, tanto dos artigos de comunicação oral quanto os pôsteres. Na contagem foram listados 218 artigos e deles, foram encontrados três aos quais correspondem com as palavras pesquisadas.

Assim como foi feito anteriormente, os artigos encontrados foram separados pela temática abordada, sendo um deles sobre as relações étnico-raciais, um sobre as epistemologias do sul e outro sobre a decolonialidade.

#### **4.4 Panorama SNEF**

O evento do SNEF de 2015 não apresenta a quantidade de trabalhos aprovados, sendo assim, foram listados todos os artigos inscritos para que houvesse uma contagem manual na página do evento utilizando o navegador de internet, a partir desta contagem foram encontrados 540 trabalhos publicados. No próprio *site* há uma ferramenta de busca de artigos onde, foram pesquisadas as palavras de interesse e foi encontrado somente um trabalho. Este trabalho, assim como feito nos outros eventos, foi separado pelo tema, sendo ele sobre as relações étnico-raciais.

No SNEF de 2017, a página do evento apresenta as mesmas características da anterior, sendo assim para a contagem de trabalhos foi utilizada a mesma estratégia, contabilizando-se 705 artigos publicados. E também, da mesma forma, com a ferramenta de busca, foram encontrados somente dois artigos relacionados com as palavras-chaves pesquisadas. Desses dois trabalhos, um tinha o tema de relações étnico-raciais e o outro sobre epistemologia do sul.

Por fim, a pesquisa no evento do SNEF de 2019, a página de internet dele teve uma mudança expressiva, principalmente no motor de busca, o qual não há listagem de todos os artigos no evento, então a contagem teve de ser de forma manual feita de sala em sala de apresentação assim como feito no EPEF. A contagem de artigos foi de 495 dentre artigos e pôsteres. Destes artigos, foram encontrados 4 (quatro)

trabalhos com as palavras-chaves buscadas. Dentre eles três tinham o tema de relações étnico-raciais e um sobre deconialidade.

#### 4.5 Análise do panorama de todos os eventos

Ao serem apresentados os dados obtidos do panorama dos trabalhos apresentados em eventos durante os últimos anos, tem-se organizado na Tabela 1 a quantidade de artigos encontrados em todos os eventos que continham as palavras-chave relacionadas aos temas da pesquisa.

Tabela 1 - Quantidade total de artigos publicados no ano correspondente e também a quantidade total de artigos encontrados com base nas palavras chaves e com a temática proposta, pesquisados nos eventos ENPEC, EPEF e SNEF.

<b>Evento</b>	<b>Ano</b>	<b>Total Artigos</b>	<b>Qtd. Encontrada</b>
<b>ENPEC</b>	2015	1272	6
<b>ENPEC</b>	2017	1335	7
<b>ENPEC</b>	2019	1249	13
<b>EPEF</b>	2016	160	0
<b>EPEF</b>	2018	174	0
<b>EPEF</b>	2020	218	3
<b>SNEF</b>	2015	540	1
<b>SNEF</b>	2017	705	2
<b>SNEF</b>	2019	495	4
<b>Totais:</b>		6.148	36

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao analisar os dados obtidos nas páginas dos eventos pesquisados, foi possível notar o aumento gradativo dos temas em questão. No ENPEC por exemplo, nota-se que houve um aumento gradativo a cada ano. Assim como nos outros eventos que também houve aumento, mas ainda em quantidades inexpressivas.

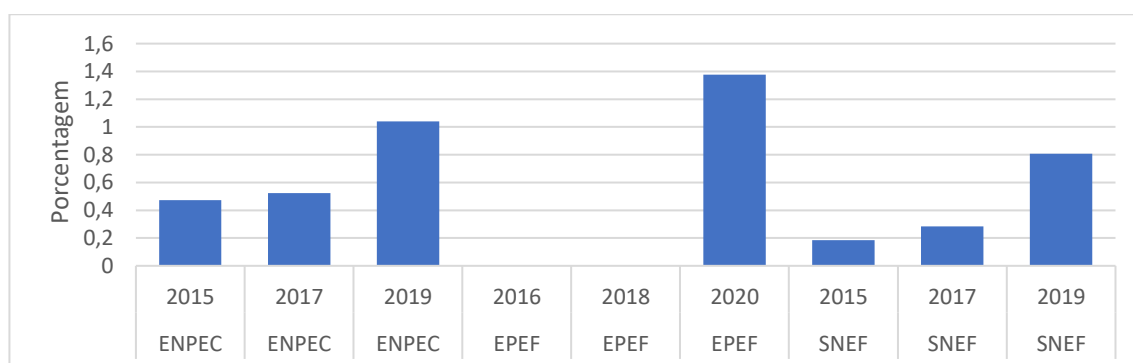
Vale também salientar a baixa expressividade que os artigos com essa temática têm no volume total de artigos no evento. Essa pode ser avaliada pelas porcentagens em comparação com o total, assim como é visto na Tabela 2.

Tabela 2 - Representação da porcentagem de artigos encontrados com os temas pesquisados em cada ano dos eventos ENPEC, EPEF e SNEF.

Evento	Ano	Porcentagem
ENPEC	2015	0.47
ENPEC	2017	0.52
ENPEC	2019	1.04
EPEF	2016	0
EPEF	2018	0
EPEF	2020	1.38
SNEF	2015	0.19
SNEF	2017	0.28
SNEF	2019	0.81

Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 1 - Porcentagens de artigos encontrados com a temática de racismos, étnico-racial, decolonialidade, epistemologias do Sul e racismo científico pesquisado nos respectivos anos e eventos, sendo eles ENPEC, EPEF e SNEF.



Fonte: Elaborado pelo autor

É relevante considerar a relação de quantidade artigos publicados por temas, esta estimativa feita pode ser visualizada no Gráfico 2, no qual dos 36 artigos publicados analisados 18 são de relações étnicos-raciais, 6 são sobre racismo, 5 sobre decolonialidade, 4 sobre racismo científico e 3 sobre epistemologia do sul.

Os artigos foram classificados nos respectivos temas, com base numa certa predominância do texto naquela classificação. Sendo assim, podemos classificar cada tema da seguinte maneira:

**Racismo:** quando o texto trata de questões diretas sobre o racismo ou de preconceitos que foram sendo perpetuados durante a história, o racismo estrutural ou outras formas de preconceito social.

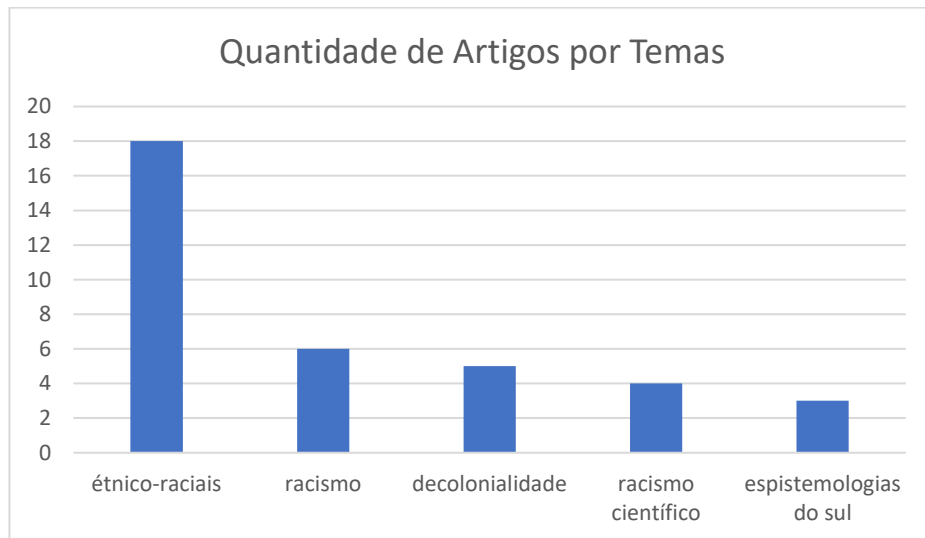
**Étnico-racial:** são os artigos que apresentam ou discutem assuntos sobre a diversidade cultural e racial, com pouca ou nenhuma abordagem quanto aos preconceitos raciais.

**Decolonialidade:** aborda as questões decoloniais diretamente ou sobre as culturas pré-coloniais.

**Epistemologia do Sul:** trata dos saberes populares e conhecimentos formulados pelos países sul equatoriais.

**Racismo Científico:** textos que abordam como a ciência foi usada para julgamentos racistas.

Gráfico 2 - Relação de quantidade de artigos publicados por temas de cada



Fonte: Própria (2021).

Assim, como fica evidente ao expor tais dados, a grande maioria dos trabalhos estão relacionados ao tema étnico-racial o que demonstra a relativa importância dada à discussão do tema.



## 5 DECOLONIALIDADE, DESCOLONIALIDADE E A COLONIALIDADE

Quijano (2005) diz que durante a expansão e colonização europeia das américas, para distinguir os povos entre os conquistadores e conquistados, utilizaram-se das diferenças fenotípicas para então implementar a ideia de raça, além de também relacionar a origem geográfica para determinar o grau de superioridade. Essa formação de relações sociais, ainda segundo o autor, produziu novas identidades, como índios, negros e mestiços e ao codificar e caracterizar as pessoas pela cor da pele, serviu para legitimar a dominação imposta.

Durante os processos de colonização das américas por parte dos europeus não houve só domínio do poder das terras e do novo estado, houve também o controle da autoridade da raça, gênero, sexualidade, do conhecimento e da natureza (COSTA, 2018). Este tipo de colonização com imposições pela força, com a escravização da população africana e impondo a ideia de raça é denominada de colonialidade do poder. Além disso, como o autor ainda explica, há um desenvolvimento histórico dos termos.

Posteriormente às contribuições de Anibal Quijano, Walter D. Mignolo (2003) expandiu a ideia de colonialidade do poder, desenvolvendo a ideia de colonialidade do saber, enquanto Nelson Maldonado-Torres (2007) desenvolveu o conceito de colonialidade do ser. (COSTA, 2018, p. 121).

Dessa maneira, ao traçar esses paralelos, para Mignolo (2017), a colonialidade é uma matriz ou padrão de poder constituindo-se como um complexo de ações que se escondem atrás de uma falácia de modernidade para justificar a violência imposta. Sendo a descolonialidade, dita por ele, a resposta contra essas falácias e ficções de promessas de progresso.

O termo decolonização surge para contrapor a ideia de colonização do poder, do saber e do ser, que traz consigo a concepção de que os europeus seriam os exclusivos criadores e protagonistas de um processo civilizatório colonial (AMORIM *et al.*, 2019, p.2). Sendo assim, também significa que ao tirar o protagonismo europeu, isso volta a dar voz a culturas e conhecimentos que foram marginalizados durante a história.

Embora já haja diversas discussões relevantes a respeito do tema, há sempre aqueles precursores que sistematizaram o assunto, neste caso, um grupo de intelectuais e pesquisadores latinos se organizaram em torno de um programa de

pesquisa, dentre eles estão: Enrique Dussel, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Edgardo Lander, Arturo Escobar, Ramón Gosfoguel, Nelson Maldonado-Torres, Santiago Castro-Gomez e Catherine Walsh. Todos contribuíram para a crítica a modernidade e ao eurocentrismo com uma série de categorias teóricas (RESENDE, 2014).

Dessa maneira, por conta de toda discussão, há sempre variações e também atualizações de aplicação de significado e termos. Assim como é necessário que haja discussão e entendimento dos assuntos, é também preciso que se faça as distinções para o melhorar e distinguir as ideias.

Eduardo Restrepo e Axel Rojas explicam que, da mesma forma que é preciso fazer uma distinção analítica entre colonialismo e colonialidade, não se deve também confundir descolonização com decolonialidade. Por descolonização entende-se o processo de superação do colonialismo, geralmente associado às lutas anticoloniais no marco dos Estados que resultaram na independência política das antigas colônias. A decolonialidade refere-se ao processo que busca transcender historicamente a colonialidade e, de acordo com estes autores, supõe um projeto com um projeto mais profundo e uma tarefa urgente para o nosso presente de subversão do padrão de poder colonial. (RESENDE, 2014, p. 52).

Portanto, tem-se uma diferenciação das palavras, enquanto descolonialidade tem o sentido de superar o colonialismo, a decolonialidade visa a luta contínua contra a dominação e a imposição sobre povos.

Então ao diferenciar os termos decolonial e descolonial, Walsh (2009) diz que ao suprimir a letra 's' não é desfazer ou reverter o período colonial, mas a intenção é fazer com que o posicionamento seja de uma postura de luta contínua contra todos os processos da imposição colonial que ainda persistem.

## **6 BREVE HISTÓRIA SOBRE GUINÉ-BISSAU**

Por ser um país pequeno da costa oeste da África, Guiné-Bissau tem aproximadamente uma área de 36.125 km<sup>2</sup> e uma população de 1,921 milhões de habitantes segundo o WorldBank de 2020. Além disso, o país faz divisa com os países de Senegal ao norte, Guiné ao leste e sul, também tem adjunta a parte insular da qual fazem parte mais de 80 ilhas nomeada de Arquipélago de Bijagós.

O país conta com 8 divisões administrativas e 37 setores, incluindo-se o setor autônomo de Bissau que é a capital. (Namone 2020).

Figura 1 - Mapa de Guiné-Bissau com as divisões administrativas



Fonte: Danfá *et al.*, 2010, p. 2

De uma forma mais ilustrativa para a leitura do mapa, tem-se o Quadro 1 o qual descreve as posições das divisões no mapa.

Quadro 1 - Regiões da Guiné-Bissau e suas respectivas capitais

Regiões Administrativas	Zona de localização	Capitais
<b>Bafatá</b>	Leste	Bafatá
<b>Biombo</b>	Norte	Quinhamel
<b>Bolama</b>	Sul	Bolama
<b>Cacheu</b>	Norte	Cacheu
<b>Gabu</b>	Leste	Gabu
<b>Oio</b>	Norte	Farim
<b>Quinara</b>	Sul	Buba
<b>Tombali</b>	Sul	Catió

Fonte: Namone, 2020, p.26

De acordo com Araújo (2012), a primeira invasão na região da atual Guiné-Bissau foi feita pelo império Gana por volta do séc. V, o qual quase totalidade da área

era domínio do reino Gabu até a chegada dos europeus no séc. XVII. Sendo esta chegada comandada e explorada pelo navegador Álvaro Fernandes em 1446, Guiné-Bissau passou a ser uma das primeiras regiões exploradas pelos portugueses.

Ainda como Araújo relata em seu livro, a exploração efetiva na região pelos portugueses só começou a partir de 1558, pois até então, eles só haviam explorado as margens litorâneas. Assim, foi fundada a primeira capital administrativa, a vila de Cacheu.

A região, como várias colônias portuguesas, ficou por séculos sendo explorada, até ser publicada uma carta em 18 de março de 1879 com o decreto de desanexação de Portugal.

Mas a verdadeira autonomia da província de Guiné, dá-se com a publicação da carta de lei de 08 de março de 1879, com base num decreto de desanexação. Considera-se que o nascimento do território que é hoje parte da República da Guiné-Bissau, deu-se nessa altura, isto porque com a Conferência de Berlim, realizada entre 19 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, o território fica sem parte do norte que corresponde a atual região senegalesa de Casamansa. (Araújo, 2012, p.11-12).

Mas foi somente em 1973 que o país conseguiu finalmente a independência de Portugal, a qual foi feito por meio de luta armada durante 11 anos contra os colonialistas portugueses, sendo iniciada em 23 de janeiro de 1963 e terminada em 24 de setembro de 1973, sendo então reconhecida a independência pelo governo em 10 de setembro de 1974 (NAMONE, 2014).

Toda esta revolução foi bem sucedida para a independência de Guiné-Bissau e também Cabo Verde. Liderada por Amílcar Lopes Cabral que fundara o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), o qual jurou dar a vida por este ideal. Tanto bem sucedido, que até os dias atuais ele é referenciado como o grande revolucionário e pai da independência do país. (CASSAMA, 2014).

Por conta da colonização e presença dos portugueses, a língua portuguesa é imposta como língua oficial do país, e como é descrito por Cá (2015), as línguas de Guiné-Bissau vem ganhando prestígio no país, porém a imposição do português nas escolas leva a problematizar o ensino, pois acaba desvinculando os jovens da real língua materna.

Vale salientar que mesmo que o bilinguismo precoce possa ser benéfico para o desenvolvimento da criança, assim como é descrito por Patelli (2015), este fator deve

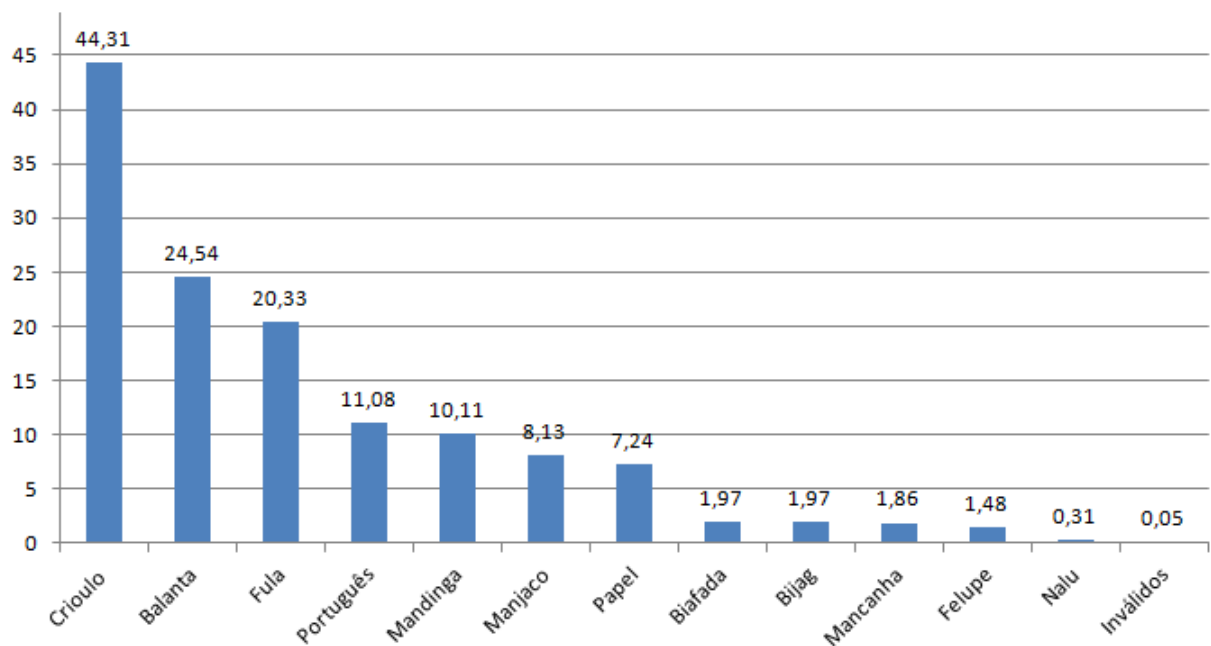
ser de vontade própria, não obrigado, o que acaba por gerar problemas educacionais, assim como disposto anteriormente.

Para tal, Namone (2020), apresenta as estatísticas em percentual das línguas faladas em Guiné-Bissau.

A língua portuguesa é a oficial do país, mas, apesar de ser adotada como a língua oficial, é falada por um número minoritário da população. Segundo o Instituto Nacional de Estatística e Censo (INEC, 1991), 11% da população, enquanto que Scantanburlo (2013, p. 28) avança com 11,08%; e Couto & Embaló (2010) consideram que 13% da população a fala como a segunda ou a terceira línguas, cuja maioria mora nas zonas urbanas, especialmente na capital Bissau, o que segundo os autores reflete negativamente na aprendizagem de alunos. (NAMONE, 2020, p. 27).

E também apresenta um gráfico de forma a ficarem mais claras as estatísticas das línguas faladas no país:

Gráfico 3 - Percentagem de falantes de diversas línguas na Guiné-Bissau



Fonte: Nanome; Timbane (2017, p. 51)

Ainda segundo Namone (2020), a língua portuguesa não se expandiu ao território por quatro motivos:

- a) o primeiro, o não objetivo de colonização pelos portugueses.

- b) o segundo foi por conta da política de assimilação, que classificava a população em dois tipos, os assimilados e indígenas, do qual os primeiros tinham acesso à educação e a língua e o segundo relegados a selvageria
- c) o terceiro, os nativos do território resistiram à presença dos invasores.
- d) e por fim, o uso de línguas étnicas por grupos étnicos em zonas rurais e difusão da língua crioula por parte dos guerrilheiros do PAIGC.

Voltando sobre a independência de Guiné-Bissau, ela veio por meio de conflitos revolucionários por parte do PAIGC e acabou sendo decretada no ano de 1974, a partir daí, o partido assumiu o governo. Ao assumir, teve dificuldades em lidar com a máquina burocrática e distribuição para gerar bem-estar à população, isto ocorreu pela falta de militantes dentro do partido e também por ser a primeira vez que passavam por tal situação (SEMEDO, 2018).

Por conta desta inexperiência e total desvinculação com Portugal, Évora e Sousa (2007) contam que a elite do PAIGC acabou deixando a situação de Guiné-Bissau muito mais deficitária. Então mesmo que a revolução tenha sido um sucesso no propósito inicial, os conflitos e embates eram sempre iminentes, sendo assim, por conta de toda a instabilidade local, em 1980 o país sofre um golpe de estado.

Como é explicado por Évora e Sousa (2007), Nino Vieira, quem comandou o golpe, assumiu o posto de presidente, demitiu e reestruturou o PAIGC, além de modificar a constituição e a lei eleitoral, com isso ficou no governo até 1994 quando houve a primeira votação democrática a qual ele mesmo venceu, porém, sendo deposto em 1998. E desde então, nenhum presidente terminou o mandato em sua totalidade, sendo impedido ou por golpe ou por alguma fatalidade.

Por conta disto tudo, é possível perceber uma certa fragilidade do governo de Guiné-Bissau, pois todos esses conflitos mexem tanto economicamente, quanto socialmente na estrutura do país. Tais fatores acabam refletindo diretamente na renda *per capita*, a qual é uma das mais baixas do mundo e principalmente na educação.

Por conta dessas instabilidades, muitos conflitos efervesceram no país de Guiné-Bissau, desde 1980 que o governo não colocava a educação como prioridade, então as guerras civis de 1998 e 2003, fizeram com que o ano letivo fosse cancelado pelo motivo de que não havia orçamento para o salário aos funcionários e professores (GOMES 2016).

## 6.1 A educação em Guiné-Bissau em diferentes contextos

Há muitos trabalhos que separam a educação no país em 3 diferentes épocas, sendo elas a Pré-colonial, colonial e pós-colonial. Este modelo se perpetua em várias sociedades que passaram pela colonização, principalmente a portuguesa, pois antes deles chegarem ao país, a sociedade mantinha uma cultura, mas após a chegada deles, foram forçados ou se adaptaram à cultura dos colonizadores. Porém, após a independência, passaram a ter autonomia para fazer as próprias leis.

Antes do período colonial não havia instituições de ensino, a educação era gerada por meio da vivência e da observação, principalmente dos mais velhos, sendo assim, os adultos eram, indiretamente, professores dos mais jovens. Portanto, as comunidades acabavam gerando conhecimento a partir dos saberes compartilhados entre si. (CÁ, 1999)

Durante o período colonial, como conta Gomes (2016), os portugueses inferiorizavam a forma de educação em Guiné-Bissau por não haver instituições, nem lei, nem fé, com isso passaram a criar as missões para ensinar os costumes e cultura portuguesa.

Com a dominação colonialista, na Guiné e em Cabo Verde, a cultura europeia cristã-ocidental tentava penetrar na população por meio dos missionários, conforme os princípios da assimilação. A condição necessária para ter um cartão de identidade era saber ler em português e comportar-se como civilizado. O Crioulo, língua veicular do povo guineense e cabo-verdiano, era proibida nas escolas... (CÁ, 1999, p. 90).

Mesmo que Portugal tenha implementado as missões para a educação do povo do país, Cá (1999) evidencia que a educação não era para o bem individual, mas era uma forma de fazer o povo dominado ser útil aos colonizadores. Sendo assim, o acesso não era pra todos, visto que somente 1% tinha a dita educação elementar, somente 0,3% da população tinha chegado à situação de assimilado, e por fim, até 1960, apenas 11 pessoas de Guiné-Bissau haviam atingido o ensino superior.

Então, como é mencionado por Namone (2020), depois da independência, o PAIGC não atendeu as expectativas de ensino, deixando a desejar quanto aos projetos de educação, mesmo com os discursos para o fortalecimento da educação, eles adotaram as mesmas políticas e sistemas educativos coloniais, utilizando-se das mesmas metodologias do passado e também a língua portuguesa.

## 6.2 A estrutura do ensino em Guiné-Bissau

Após todas as reviravoltas de governo, e também como já foi dito, a educação ficou em segundo plano durante vários anos. Em função disso, a população ficou defasada em diversas questões, por não ter políticas claras e/ou por não se fazer cumpri-las, além de outras problemáticas já apresentadas.

No sistema de base atual, é citado por Gomes (2016) que as diretrizes foram criadas no governo liderado por Carlos Gomes Junior, no mês de maio de 2010 e encaminhado ao então presidente Malam Macai Sanha. O documento é estruturado em 8 capítulos e 66 artigos.

Como pode ser visto nas Leis de Bases do Sistema Educativo de Guiné-Bissau (2011), o documento inicia com o preâmbulo e então passa ao capítulo um, o qual dispõe de artigos referentes ao sistema educacional e os objetivos. No segundo capítulo, tem-se da estrutura do sistema a qual separa em seções para caracterizar a educação formal e não formal.

No terceiro capítulo, tem-se dos apoios e complementos do sistema, incluindo descrições de como deve ser o ensino para alunos com deficiência. No capítulo quatro, é separado para a descrever a organização da administração da educação. O cinco, fala sobre os recursos, o sexto, das organizações, enquadramento e avaliações do sistema. Enquanto o sétimo, fala de ensino particular e cooperativo e por fim, dá as disposições finais.

Sobre o documento é possível destacar os aspectos da seção II, a qual elenca a estrutura da educação formal no país e a partir desta descrição, é possível notar algumas similaridades com a estrutura da educação brasileira.

Na seção II, separa-se sequencialmente as etapas em ensino pré-escolar, básico, secundário, técnico-profissional e outras modalidades especiais. Para que o aluno seja aprovado para a etapa seguinte de ensino, ele fica sujeito a avaliações de capacidades e desempenho.

Para cada etapa, como relata o documento, os alunos do ensino básico ficam sujeitos a exames nacionais no fim de cada ciclo. Os estudantes do ensino secundário, estão sujeitos ao exame no último ano. Em outras etapas de ensino, não estão sujeitos aos exames nacionais.

A pré-escola se inicia a partir dos 3 anos de idade e vai até o ingresso ao ensino básico. O ensino tem objetivo de a criança aumentar as capacidades e ingresso deles



na sociedade, além de também amplificar as probabilidades de sucesso no ensino. Podendo as instituições que fornecem esse ensino serem públicas, privadas ou cooperativas, do qual cabe ao ministério responsável fixar as normas gerais de ensino e manter as instituições públicas.

Do ensino básico, são admitidas crianças que completem 6 anos até 1 de outubro, do contrário há a necessidade de requerimento do encarregado da educação. Esta etapa é dividida em 9 anos escolares, dos quais, ainda segundo o documento, do 1º ao 6º ano a educação é gratuita, enquanto a partir do 7º é tendencialmente gratuita, dependendo das possibilidades econômicas do Estado.

Além disso, os anos escolares são divididos em 4 fases, sendo a primeira fase o 1º e 2º ano, a segunda o 3º e 4º, terceira o 5º e 6º e a última, a quarta, 7º, 8º e 9º. Assim, cada fase objetiva formar um cidadão, sendo que em cada fase do ensino esses objetivos são mais específicos.

Na primeira fase e segunda fase, como é citado no documento, é voltado para o aprendizado da escrita, capacidades motoras e aritméticas, além de algum conhecimento artístico, como o musical, dramático e plástico.

Já na terceira fase, tem-se objetivo na formação de educação ambiental, de direitos humanos, tecnológica, sexual, física e desportiva, além de incluir as artes.

Na quarta e última, como é dito, é preconizada a aquisição sistemática de conhecimentos, nas áreas de humanas, literárias, artes, física e desportiva, científica e tecnológica, conhecimentos estes que serão indispensáveis para o ingresso da próxima etapa educacional e também profissional.

Ainda sobre o ensino básico, as duas primeiras fases são ministradas por somente um mesmo professor, enquanto as terceiras e quartas fases, são ministradas por professores específicos das determinadas áreas de formação.

Há também o ensino secundário, o qual há poucas informações no documento, porém, é descrito ser um ensino posterior ao ensino básico, caracterizando o 10º, 11º e 12º ano, e também de ter um caráter de ensino técnico-profissional, tendo como instituição aquela com caráter específico a isto.

Quadro 2 - Apresenta os dados quanto a educação em Guiné-Bissau, sobre a idade de entrada nas etapas específicas, a duração de cada etapa e a quantidade de professores por etapa.

	Primário	Básico (fases 1 e 2)	Básico (fases 3 e 4)	Secundário
<b>Idade Entrada</b>	3	6	11	15
<b>Duração em anos</b>	3	4	5	3
<b>Qtd. de professores</b>	1	1	Vários	vários

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao fazer uma comparação rápida com ensino brasileiro, é possível perceber que a disposição de tempo escolar é bem parecida em ambos países, embora não fique tão claro como é realmente especificada as disciplinas em Guiné-Bissau, pode-se afirmar que há algumas equivalências na estrutura educacional, principalmente nas etapas de ensino, e também na separação de professores por disciplina, na qual a LDB de 1996 fazia tal disposição a partir de quinta série, enquanto Guiné-Bissau também o faz no 5º ano.

Mas também vale ressaltar que este documento de Guiné-Bissau (2011) não traz informações equivalentes à nossa LDB, a qual informa todas as bases necessárias para o ensino, sobre quais disciplinas a serem cursadas, as especificidades e objetivos de cada uma e também as recomendações para os professores. Como explicação a essa defasagem, Indjalá (2018) afirma que a constante troca de governo faz com que a escassez de documentos se faça presente dificultando o controle da educação. E também, esta tal instabilidade política reflete na fragilização dos direitos constitucionais para a educação (REHDER, SILVA E MONTEIRO, 2018).

## 7 A ENTREVISTA

Para ter o conhecimento de como era o cotidiano escolar na visão de um ex-morador de Guiné-Bissau, que nasceu no país, foi feita uma entrevista semiestruturada para que se pudesse buscar as respostas aos objetivos do presente

trabalho. Esta entrevista, dentro do caráter qualitativo de pesquisa, foi feita no intuito de se ter um pouco mais de conhecimento, da cultura e educação de um país africano para assim chegar aos objetivos propostos.

De acordo com Batista, Matos e Nascimento (2017) o a utilização do método qualitativo, vem crescendo em diversas disciplinas científicas nas últimas décadas bem como o crescimento da literatura que descreve seus procedimentos e aspectos metodológicos.

A pesquisa qualitativa é caracterizada por apresentar dados predominantemente descritivos com enfoque em apresentar dados relativos no objetivo da pesquisa (MONTEIRO, 2016).

Dessa forma, para que fosse feita uma pesquisa de modo mais abrangente e que pudesse ter uma análise mais aprofundada da visão sobre o tema de pesquisa proposto, foi escolhida a entrevista semiestruturada.

Neste tipo de entrevista é possível com que o entrevistado tenha a liberdade de se posicionar, expressar e ser livre nas respostas sem se prender a pergunta formulada (MINAYO, 2010). Assim, por conta dessa liberdade Nunes, Nascimento e Luz (2016), apontam ainda que esse tipo de entrevista é capaz de ter uma maior profundidade nos dados coletados e dados obtidos.

Para a entrevista, alguns pontos foram levados em conta, como é elencado por Minayo (2010) em tópicos, sendo eles: *a)* apresentação, *b)* Menção do interesse da pesquisa, *c)* apresentação de credencial institucional, *d)* explicação dos motivos da pesquisa, *e)* justificativa da escolha, *f)* conversa inicial.

O desenvolvimento da entrevista foi feito *on-line*, por uma chamada de videoconferência pela plataforma *google meet*, a qual foi gravada para posterior acesso às respostas. Desta forma foi desenvolvido o roteiro de entrevista semiestruturada disposto no Apêndice A. Vale ressaltar que as perguntas serviram somente de referência para que fosse iniciado um diálogo mais aprofundado sobre o tema da pergunta.

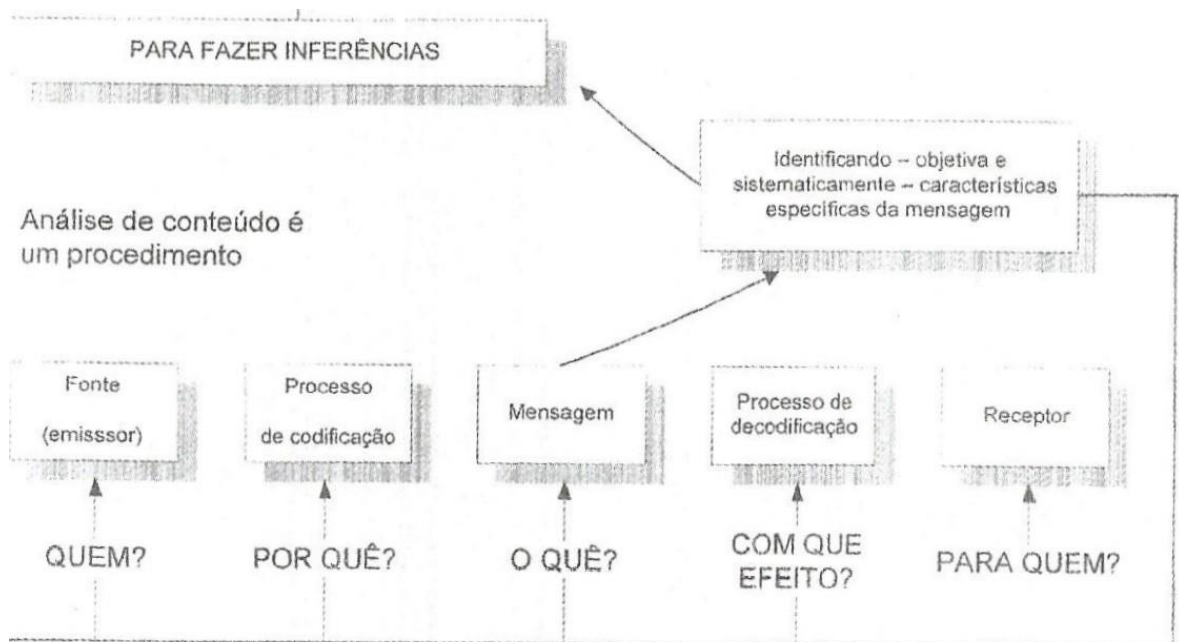
## **8 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS**

Durante o processo de análise das informações obtidas por meio da entrevista semiestruturada com o ex-morador de Guiné-Bissau o qual, a partir deste momento, será identificado como D. Nascido em 1975 em Mato-Farroba, localizada na região de

Tombali no país de Guiné-Bissau, iniciou os estudos aos 13 anos no país, mas sempre mudou de cidade para conseguir completar os estudos. Após completar a etapa equivalente ao ensino médio, passou a trabalhar como segurança em um hotel até ser contratado como professor de uma escola. Com isso, participou de um processo seletivo de bolsa para estudar fora do país, foi assim que veio ao Brasil estudar ciências sociais na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) na cidade de Araraquara em 2006, obtendo o título de licenciado em 2009, e em 2011 o bacharelado do mesmo curso. No ano de 2014 obteve o título de mestre e em 2020 o doutorado, todos em ciências sociais pela UNESP de Araraquara.

Para então fazer a estruturação desses dados, aproximamo-nos da análise de conteúdo, a qual, baseando-se na mensagem, ela responde o que se fala ou escreve, dentre outras características que permitem ao pesquisador fazer inferência sobre os elementos da comunicação, esta que é composta por uma fonte, processo codificador, receptor e seu respectivo processo decodificador. (FRANCO, 2003)

Figura 2 - Características definidoras da Análise de conteúdo



Fonte: Franco (2003).

Desta forma, por ter a entrevista gravada, o acesso facilitado a retomada de toda a conversa fez com que o entendimento da mensagem a ser passada fosse maior, por isso foi possível fazer as inferências ditas, além de buscarmos organizar,

estruturar e classificar o pensamento para que pudesse atender aos objetivos propostos.

Ainda seguindo o que é dito por Franco (2003), após feita uma pré-análise, a criação de categorias de análise ou categorização acaba sendo o ponto crucial da análise de conteúdo, para a qual se faz necessário a utilização de mecanismos do próprio pesquisador para a criação.

Então para tal categorização, baseamos no roteiro de referência para a entrevista semiestruturada no Apêndice A e B e nas respostas dadas por D., ao escutar e organizar os dados obtidos dividimos as sessões como serão vistas a seguir.

## **9 ANÁLISE DOS DADOS E RESPOSTAS DA ENTREVISTA**

Ao ser feita a entrevista a fim de serem atingidos os objetivos do trabalho, vide Apêndice B, D. respondeu as questões feitas a ele.

### **9.1 O início escolar**

Como conta D., o ensino em Guiné-Bissau no fim da década de 80 e início da de 90, era geralmente iniciado já no primeiro ano (1ª classe) nas escolas regulares. Por ser de uma região rural, o entrevistado comenta que, por ter de cuidar dos animais no campo, a idade escolar inicial das crianças na região geralmente era com cerca de 10 a 12 anos:

Comecei os estudos com a idade um pouco avançada, comecei a estudar com 12 ou 13 anos de idade. Dada a situação em Guiné-Bissau, as crianças iam pra escola justamente com essa idade, ou um pouco menos 8, 9, 10, até 12, 13 anos. Por que depois que a gente cresce, começa a fazer outras atividades, por exemplo: cuidar das vacas, dos animais... Então através disso, é um dos motivos que faça com que as crianças da minha época entrem muito tarde nas escolas. D.

Nas escolas, os alunos eram orientados a somente se comunicarem utilizando a língua portuguesa, idioma tal, como já foi comentado anteriormente, não era de domínio das crianças da região rural, o que dificultava bastante a comunicação. O entrevistado cita que o português é falado mais nas capitais, mas ainda em pouca quantidade, então esta língua acaba sendo usada mais para se comunicar em locais específicos ou com as pessoas de países de língua portuguesa.

Sendo assim, as crianças iniciam o ensino escolar tendo de aprender outro idioma, além das outras matérias serem totalmente feitas no idioma novo, ocasionando assim uma dificuldade de aprendizagem desde o princípio.

## 9.2 A estrutura curricular

Como visto na Sessão 6.2, a estrutura escolar é dividida em anos escolares ou classes, sendo bem parecidas com a estrutura do Brasil. Já as matérias aprendidas em cada ano são um pouco diferentes, assim como é contado por D., de 1ª a 4ª classe há as disciplinas de português para o domínio e aprendizagem da língua, há também as ciências exatas (chamadas de integrais) e naturais.

Ainda de acordo com o entrevistado, as classes de 5ª a 6ª são divididas nas matérias de ciências naturais, ciências sociais, educação visual, matemática, educação física e a língua portuguesa. Os primeiros contatos com a física e química são dadas nestas classes, porém dentro da matemática.

Você vai estudar matemática, só que dentro da matemática você vai estudar química ao mesmo tempo... Está dentro da matemática, coisa de química coisa de física, por exemplo, você vai estudar geometria, mas ao mesmo tempo você vai estudar o que é graus celsius e também quais são os elementos químicos, tudo dentro da matemática. D.

A partir da 7ª classe até a 9ª há um aumento das disciplinas estudadas, dividindo as ciências sociais em história, geografia e também educação social, há a implementação da física e química como disciplinas isoladas, além de manter as matérias de matemática, língua, educação visual e educação física.

De acordo com o entrevistado, nas classes de 7ª a 9ª há uma especificidade dos assuntos abordados, mas de maneira básica, ou seja, são mostrados nas matérias de física e química os conceitos fundamentais, nada muito complexo que exija cálculo dos alunos.

O ensino secundário, sendo o equivalente ao ensino médio no Brasil, é dividido em grupos por tipos de ensino, o entrevistado comenta que na época em que estudou, eram cinco grupos. O primeiro deles era voltado às exatas, o segundo às biológicas, o terceiro voltado para questões humanas e sociais, o quarto grupo era totalmente pautado nas questões linguísticas e o quinto para a linguagem e comunicação.

Para exemplificar, o entrevistado indica algumas profissões para as quais cada grupo é focado.

Grupo 1: é voltado para as exatas, então alunos que queiram profissões como física, matemática, química, ciências da computação se enquadram neste grupo.

Grupo 2: é voltado para os alunos que se interessam por biologia, medicina e áreas relacionadas a biológicas.

Grupo 3: tem foco as questões humanas, como as ciências sociais, psicologia, filosofia, dentro outros deste tipo

Grupo 4: áreas voltadas a linguagem, estudos de várias línguas como o português, inglês, latim e outros

Grupo 5: focado mais na linguagem e comunicação, como exemplo o jornalismo e outros.

Ao completar a 9ª classe, os alunos que vão se matricular no ensino secundário recebem orientação dos professores da escola sobre os grupos e, a partir dessas orientações, os alunos devem decidir para qual grupo de estudos eles querem cursar, ou seja, decidem ali a área de atuação profissional.

Ainda segundo o entrevistado, houve uma união dos grupos nos últimos anos, desta forma, o grupo 2 se juntou com o grupo 1 (exatas e biológicas) e o grupo 5 com o grupo 4 (linguagem e comunicação), logo, há somente três grupos hoje em dia.

Além disso, ele comenta que toda parte organização, divulgação e incentivo é feito pelo ministério da educação de Guiné-Bissau, por meio de propagandas e campanhas feitas nas escolas.

### **9.3 A LÍNGUA PORTUGUESA E A EDUCAÇÃO**

Assim como já comentado anteriormente, D. diz que o português não é tão bem estruturado dentro do país, por conta disto há muita dificuldade na aprendizagem já que não é uma língua tão falada, assim como pode ser visto no Gráfico X e constatado pelo entrevistado.

A própria língua portuguesa não é bem estruturada na sociedade, ou seja, as pessoas que falam a língua estão restritas nas grandes cidades, estritamente na grande capital Bissau. E mesmo na capital você dificilmente escuta a pessoa falar a língua portuguesa, ou seja, a língua é usada para se comunicar com pessoas dos países de língua portuguesa. D.

Por conta de não ser uma língua usualmente falada pela população de Guiné-Bissau e pelo crioulo ser a língua mais falada, como é comentado por D., o português acaba sendo considerado uma segunda língua para a população e isso acaba afetando a educação, seja pela dificuldade de entendimento e interpretação, como também pela dificuldade de se expressar na nova língua, pois, como já citado, era obrigatório falar o português durante as aulas.

D. expõe que em sua época de estudo, alguns professores ainda tinham dificuldades em se expressar com a língua portuguesa e isso se refletia durante as aulas, assim como os alunos também estavam ainda aprendendo e se familiarizando com a nova língua, estes se bastavam a responder somente sim ou não pela incapacidade de formar frases complexas

#### **9.4 DIFICULDADES**

Na época dos estudos do entrevistado, ele comenta que os professores não tinham formação docente, e que alguns tinham somente a quarta série do tempo colonial. Ainda é dito que mesmo com a formação eles acabam tendo dificuldades com a língua portuguesa e acabam transparecendo isso na hora de ensinar a matéria.

Na época em que estudei, a maioria dos professores não tinham formação docente. Então são aqueles professores que somente terminaram o ensino médio ou fundamental e já estavam dando aulas. Tive inclusive aulas com professores que tinham somente a quarta série do período que a gente considera colonial. D.

Assim, com a baixa formação dos professores, alguns deles, como comenta D. durante a entrevista, acabavam por ter dificuldade no idioma português e conseqüentemente dificuldades de expressar os conteúdos durante as aulas e por conseguinte, fazendo com que os alunos acabassem carregando durante anos de estudo os problemas oriundos dessa situação de baixa formação do professor.

Embora todo o tempo escolar dele tenha sido com professores com tal formação, D. informa que hoje em dia há bastante professores que tem formação adequada, com ensino superior dando as aulas.

Outra dificuldade elencada por D. é a de que, por viver numa região rural a maioria das crianças precisavam cuidar dos animais e lavouras de arroz e por conta disto, acabavam não tendo tempo de se dedicar aos estudos. Comenta ainda que em



algumas famílias, o filho mais velho tinha de fazer todo esse trabalho e, quando tinha, cuidar dos irmãos mais novos, por isso estes acabavam tendo ainda mais dificuldades de concluir os estudos.

Às vezes há somente um adolescente na família... então cabe a ele todas as funções que um adolescente faz naquela sociedade, por exemplo: cuidar dos animais, olhar a lavoura de arroz para os passarinhos não comerem. Assim, tem de fazer várias outras coisas ao mesmo tempo e isso acaba limitando o aluno a se dedicar ao estudo... Essa falta de tempo acaba limitando muito os jovens e isso também acarreta a desistência e o abandono escolar. D.

A partir disso, ele conta de sua experiência e de amigos da adolescência, na qual passou por tudo que já fora comentado e além disso, também fala sobre a dificuldade que teve no ensino médio, pois não havia escola perto de sua casa, então tinha de viajar para estudar e acabava por ter de passar a semana na casa de um tio, que era mais próxima da escola. Além disso, a cultura do país não incentivava tanto o estudo e o próprio tio o questionava se os livros o dariam de comer, referenciando que D. não estava cuidando das lavouras e eram elas que alimentava as pessoas. Assim, ele continua contando que situações como essas faziam com que os jovens desistissem dos estudos para ajudar nos trabalhos da família, nas quais muitas vezes o pai com mais idade estava sem forças para trabalhar no campo.

Outra informação adicional dada durante a entrevista é de que a cultura na época fazia com que, principalmente as mulheres abandonassem os estudos na época do ensino médio, porque na idade de 16-17 anos, a jovem era dada ao casamento e com isso tinha que começar a cuidar da família e acabava por não ter tempo para os estudos.

## **9.5 Motivações para o estudo**

Quanto às motivações para continuar os estudos e driblar as dificuldades, D. conta que sempre foi considerado um ótimo aluno pela família, também comenta que por muitas vezes tinha acesso a materiais de classes mais avançadas e conseguia aprender facilmente e isso dava orgulho a ele, motivando-o a continuar.

Além disso, ele fala também que foi o primeiro da família a ter ensino superior, este fato faz com que essa formação tenha um peso maior para ele e o incentiva a continuar para ser um exemplo aos mais jovens. Como conta:

Eu sou a primeira pessoa na minha família com título de doutor...E eu vejo isso como grande vantagem. Por conta disso, da graduação, eu carrego a minha família nas costas, porque eles querem que alguém se esforce para chegar neste ponto. Então eu faço um trabalho que é tipo, honrar o nome da família. Então vejo isso como uma coisa muito importante, não só ter o título, mas também fazer com o que eu tenho eu consiga transmitir o conhecimento que tenho para outras pessoas... então quando fui para Guiné-Bissau eu viro referência para as pessoas, então é orgulho saber disso e verem que uma pessoa da família tem esse nível de educação... D.

Após isso, o entrevistado conta ainda que tem buscado fazer um projeto com objetivo de buscar apoio para a região onde cresceu, seja apoio financeiro, moral, que incentive os jovens a estudarem, que mostre a importância dos estudos e sirva de referência.

Desta forma ele conta um pouco mais de sua vivência de quando voltou ao país, deu palestras para os jovens alunos contando sua trajetória de vida, suas dificuldades e suas conquistas. Conta ainda que nas palestras, durante as falas sobre as dificuldades, tem a intenção de mostrar que se ele conseguiu chegar onde chegou, os jovens ali presentes também podem chegar, pois as dificuldades da época dele faziam ser mais difícil continuar os estudos do que hoje em dia, sendo assim, tem como objetivo ser uma referência aos alunos e dar um incentivo para que eles estudem.

## **9.6 Governo e a educação**

Quanto aos incentivos do governo para a educação, D. relata que há um incentivo ideológico para que as crianças vão à escola, com campanhas e construção de escolas em áreas mais afastadas, mesmo que de baixo orçamento. É dito que isso mostra que o governo tem se esforçado para dar acesso à educação para a população.

Contudo, ainda é dito que por conta de o país ser uma nação em desenvolvimento, os recursos são poucos e por conta disto, Guiné-Bissau acaba necessitando de ajuda externa para manter a economia, sobretudo a educação.

Guiné-Bissau, por estar nessa fase de país em desenvolvimento, depende muito de ajuda externa para fazer a máquina pública funcionar. Tendo em vista isso, nosso ensino precisa muito de financiamento e é um sistema que está com dificuldade de andar em termos de qualidade de ensino e tudo mais. Como o país precisa da ajuda externa, os recursos internos, as vezes por má administração da coisa pública, os recursos internos não conseguem atender

todas estruturas estatais do país, de tal modo que os próprios professores, os seus salários não são totalmente pagos. D.

Assim, como foi dito por D. a necessidade de ajuda externa acaba sendo fator crucial da administração de Guiné-Bissau pelo governo. E como também fora especificado, a provável má administração desses recursos faz às vezes com que os salários dos professores não sejam inteiramente pagos, gerando assim revoltas contra o governo.

Por conta dessas revoltas diante da má administração pública sobre as finanças, são feitas greves, em alguns períodos, muitas vezes durante o ano. Por conta disto, já fez algumas vezes com que o ano letivo fosse cancelado e retomado no ano seguinte. Esses fatores dificultam a vida dos estudantes que acabam atrasando a vida escolar e a terminando mais tardiamente, além de ser bastante ruim para não continuidade do estudo:

A verba que vai pra educação, apesar de falar que a educação é prioridade, são poucas verbas para atender a demanda na área da educação. Então, isso acaba gerando essas consequências para o sistema de ensino como um todo. E isso foi se perceber na consequência da trajetória do próprio estudante que vai ter dificuldade, apesar de as vezes o aluno termina o ensino médio, mas não aprendeu todo conteúdo daquela disciplina ao longo dos vários anos desses cursos, então isso vai ter consequência, futuramente, quando esse aluno vai entrar na universidade, porque na universidade parte-se do princípio que o aluno sabe o básico daquela área. D.

Disto, é possível perceber da fala do entrevistado, que por conta da má administração pública e todos os problemas apresentados fazem com que os alunos tenham uma defasagem de ensino, pois muitas vezes não é possível terminar todo o conteúdo proposto no currículo. Tal fato é prejudicial na formação já que, como dito, na universidade, parte-se do princípio que o aluno já deva ter o conhecimento de uma determinada quantidade de assuntos básicos, mas por tais problemas é comum que haja essa defasagem no ensino, o aluno acaba sendo prejudicado.

Quanto ao material didático nas escolas, D. afirma que Guiné-Bissau era auxiliado por países como Suécia e Escandinávia para conseguir distribuir materiais aos estudantes, e toda essa ajuda externa era de bastante importância para o país, pois conseguia suprir quase toda demanda. Ele continua dizendo que em 2019, quando foi fazer uma pesquisa, com a redução da ajuda externa, constatou que os materiais didáticos começaram a não ser suficientes, também que por muitas vezes

era necessário que os estudantes mais jovens utilizassem o livro do irmão ou amigo mais velho, pois não havia para todos. Portanto com tal redução, o investimento neste seguimento da educação foi afetado diminuindo a distribuição dos livros.

### **9.7 As lembranças do ensino de ciências e física**

Ao ser perguntado sobre as lembranças que têm do ensino de ciências e física na escola, D. teve uma breve pausa e seguiu fazendo uma brincadeira dizendo que o havia complicado, pois já fazia muito tempo desde a época em que ele estudou esses assuntos na escola, então seria difícil ele lembrar

Inicialmente o entrevistado frisou o gosto pelas exatas e a física, falando que gostava das aulas e o interesse pelo assunto de cinemática. Porém durante a fala, ele afirma que acabou esquecendo muito sobre os outros temas da matéria, pois acabou escolhendo outra área e seguiu a graduação de ciências sociais.

Durante a resposta, ele ainda argumenta que ao se afastar de uma área indo para outra, isso acaba gerando uma certa ignorância sobre a área a qual se distanciou. Todavia, por conta de ter gostado da física durante a infância, D. continua dizendo que gostava muito da cinemática e se lembra muito de assuntos como a da queda livre e como calcular a força da gravidade.

Hoje em dia eu esqueci muito. Desvinculei da física de uma tal forma que o ensino superior coloca as pessoas nesta ignorância, né? Eu gostava muito da física, apesar de ter dificuldades... eu lembro de algumas coisas, coisas básicas. Por exemplo, como se calcula a força da gravidade, algumas coisas de queda livre... D.

Então ao falar sobre as lembranças de cinemática e como calcular a força da gravidade, ele também comenta sobre a baixa habilidade com a matemática, por isso acabava por ter um pouco de dificuldade com a física e, portanto, por conta desses motivos, a pouca memória dos assuntos sobre a disciplina.

Além disso, ele ainda comenta que, por conta desse gosto pela física e o quanto acha interessante a ciência, precisa voltar a estudar para lembrar e se atualizar mais sobre os assuntos.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este trabalho objetivamos conhecer um pouco mais sobre a cultura de um país africano, em específico o de Guiné-Bissau, o sistema educacional, a estrutura, como o governo se comportava em relação a educação, e também um pouco mais sobre o ensino de ciências e física.

Durante toda a história da atual Guiné-Bissau, houveram conflitos políticos que moldaram o país. O processo de independência, como fora dito, foi um marco para a população local, porém para o desenvolvimento do país não foi muito promissor, pois não tiveram uma reestruturação do sistema como foi prometido pelos revolucionários do PAIGC e além de também não modificarem o sistema educacional.

Tamanha era influência de Portugal na educação local que a língua portuguesa era tida como obrigatória dentro de sala de aula, impondo assim mudanças na tradição local por obrigar que o idioma local seja outro, ao invés de ser o falado tradicionalmente pela maioria da população.

Esta mudança gerou sérios problemas na educação porque, ao obrigar a criança em desenvolvimento a falar uma língua que de certa forma é estrangeira para ela, a qual ela não aprendeu, gera-se um problema de aprendizado pela baixa compreensão total da fala, o qual vai se estender ao longo da vida. A problemática é reforçada nas dificuldades apresentadas por D. durante seu o processo escolar. Assim, todo o desenvolvimento educacional pode acabar sendo prejudicado por conta deste fator.

Para além disso, pudemos também compreender um pouco do sistema educacional de Guiné-Bissau durante os anos. Como já falado, por anos mantiveram a tradição e influência de Portugal na forma de ensinar, tanto que ao se fazer algumas comparações com o sistema brasileiro é possível perceber diversas semelhanças como na quantidade de anos escolares e na divisão dos ciclos.

Outra semelhança a ser indicada é a reformulação do ensino médio que entra em vigor no ano de 2022 no Brasil, na qual os estudantes deste ciclo devem escolher as disciplinas a quais querem se aprofundar. Tal sistema já existe desde o final dos anos 90 em Guiné-Bissau, que como contou D. passou por algumas reformulações durante os anos, porém é possível notar as similaridades entre os sistemas dos países.

No país de Guiné-Bissau o ensino secundário, equivalente ao ensino médio brasileiro, foi descrito que havia 5 grupos a serem escolhidos, sendo o primeiro voltado para exatas, o segundo às biológicas, o terceiro às ciências humanas, o quarto às línguas e o último para a comunicação. A partir da reformulação o segundo grupo se juntou ao primeiro e o quinto ao quarto.

Vale destacar das falas obtidas na entrevista quanto ao início dos assuntos sobre ciência nas escolas, que no caso, começam na quinta classe, porém inseridos nas disciplinas de matemática. Como destacado na fala dele, alguns temas de química e física já aparecem para os jovens de forma simples para exemplificar unidades de medida e afins. Além disso, esses temas continuam durante os anos até serem divididos e ensinados na 8ª e 9ª classes de forma específica, nas disciplinas de física e química.

Ao fazer a ligação com as disciplinas de ciências, em específico a física, vale ressaltar a pouca lembrança geral das disciplinas ligadas à física e ciências da natureza e a lembrança principal do assunto sobre mecânica apontado por D. Tal matéria é abordada no início do ensino de física e, de certa forma, está presente no dia a dia das pessoas, como notar a velocidade dos carros, observar a queda de objetos.

Essa memória acaba não sendo uma particularidade dele, pois como é demonstrada por Gneiding e Garcia (2007), ao ser feita uma pesquisa numa empresa sobre os assuntos mais lembrados sobre a física, as respostas foram em sua grande maioria a cinemática, o que fica em comum acordo com a lembrança mais forte de nosso entrevistado.

Outro ponto de destaque, são as dificuldades enfrentadas pela população das regiões rurais do país que na maioria das vezes, tinha de trabalhar já na adolescência para manter a comida dentro de casa. Tal fator acabava por gerar grande evasão escolar pela falta de tempo por conta do trabalho no campo, além de a cultura na região não proporcionar perspectivas, como destaque a fala do tio de D. que dizia que ele não ia comer os livros, que livros não colocam comida na mesa.

Ainda como adendo das questões culturais, quanto às jovens mulheres que também desistiam da escola por serem dadas ao casamento por volta dos 16 anos de idade, essas questões culturais e de gênero diminuem o interesse e principalmente diminuem as possibilidades de acesso das jovens ao estudo e acaba por ocasionar problemas na educação do país.

Então, pudemos conhecer um pouco mais sobre Guiné-Bissau, sua cultura, a estrutura escolar e a vivência de um morador que cresceu e viveu no país. E a partir das respostas as perguntas foi possível alcançar os objetivos propostos neste trabalho.

Por fim ao analisar os dados obtidos, pudemos nos aproximar de alguns aspectos mais gerais da educação em Guiné Bissau e abrem-se margens para se buscar obter informações mais específicas, como exemplo, ao questionar D. sobre as lembranças das aulas de física, ele se lembra de poucos assuntos em específico, sendo assim, em uma pesquisa mais focada neste tema, poderíamos entrevistar professores de física do equivalente ao ensino médio e de faculdades formadoras de professores do país. A partir destas pesquisas, pode ser possível entender quais matérias são ensinadas nas aulas, como elas são subdivididas, que tipo de materiais didáticos são utilizados, quais as metodologias aplicadas e, também pode-se ter mais informações de como é a formação de professores de física e ciências no país, para então aumentar ainda mais os conhecimentos da cultura dos países africanos de forma mais ampla e mais especificamente os aspectos ligados à educação e ao ensino das ciências da natureza.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Marta Mariano. **Lei 10.639/03, formação docente e NEABs: a democratização do currículo como um desafio para a educação brasileira.** Cadernos de Aplicação, v.30. p. 33-47. Porto Alegre. 2017.
- AMORIM, Juliane dos Santos; *et al.* **Elementos de decolonialidade em um projeto de divulgação científica com o público infantil.** In Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, XII, Natal, 2019. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/anais/resumos/1/R0367-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- ARAÚJO, Helmer. **Guiné-Bissau.** O Livro na rua. Série Diplomacia ao alcance de todos. Editora Thesaurus. 2012.
- BATISTA, Eraldo Carlos; MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, ISSN 1980-7031, 2017.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2002.
- BORTOLETTO, Adriana; *et al.* **Pesquisa em ensino de física (2000-2007): Áreas temáticas em eventos e revistas nacionais.** In Encontro de Pesquisa e Educação em Ciências, IV, 2007, Florianópolis.
- CÁ, Lourenço Ocuni. **Política Educacional da Guiné-Bissau de 1975 a 1997.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 1999. 197p. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253240>. Acesso em: 3 jun. 2021.
- CÁ, Virgínia José Baptista. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau.** Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2015.
- CASSAMA, Daniel Júlio Lopes Soares. **Amílcar Cabral e a independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde.** Dissertação (Mestrado em ciências sociais) – Faculdade de ciências e letras – UNESP/Araraquara. São Paulo. 2014.
- COSTA, Joaze Bernardino. **Decolonialidade, atlântico negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal.** Revista Sociedade e Estado, vol. 33, n. 1. jan. 2018.
- DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-255, 2004. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-5SF/Sandra/Entrevistas%20em%20pesquisas%20qualitativas.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.



ENPEC Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, **Abrapecnet**, 2019. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

EPEF, Encontro de Pesquisa em Ensino de Física, **SBFísica**, 2020. Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/~epef/xviii/index.php/home>. Acesso em: 13 mar. 2021

GNEIDING, Ivan Meskauskas; GARCIA, Nilson Marcos Dias. **O que justifica um assunto de Física ser lembrado por um trabalhador?** In: XVII Simpósio Nacional de Ensino de Física. São Luis, Maranhão, de 29 de janeiro a 02 de fevereiro de 2007. ATAS. Disponível em: <https://sec.sbfisica.org.br/eventos/snef/xvii/atas/resumos/T0354-2.pdf>. Acesso em 03 de jan. 2022.

GOMES, Bruno. **Uma análise crítica da educação e do sistema educacional em Guiné-Bissau**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Humanas – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Redenção. 2016.

GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. **Educação das relações étnico-raciais: o desafio da formação docente**. Texto apresentado na 29ª Reunião Anual da ANPED. Outubro de 2006.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?**. Psicologia: teoria e pesquisa, vol. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

INDJALÁ, Samuel. **Sistema educacional e formação de professores na Guiné-Bissau**. Atividade de Educação a Distância – Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. 2018. Disponível em <https://sigeve.ead.unesp.br/index.php/submission/downloadFileProceedings/2149>. Acesso em 10 mai. 2021.

LEITE, Valderlei Furtado. **Diversidade cultural e racial: desdobramentos da lei 10639/2003 nas práticas escolares do estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP. São Paulo. 2010.

MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje**. Trad. de Marcos de Jesus Oliveira. In: Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia, v.1, n. 1, Foz do Iguaçu/PR: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, p. 12-32. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>. Acesso em: 20 ago. 2021.

MINAYO, M. C. S. **Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação**. In: \_\_\_\_\_. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MONTEIRO, Regina Clare. **A pesquisa qualitativa como opção metodológica. Proposições**, Campinas, SP, v. 2, n. 2, p. 27–35, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644453>. Acesso em: 22 out. 2021.

NAMONE, Dabana. **A luta pela independência na Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC**: etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional. Dissertação (Mestrado em ciências sociais) – Faculdade de ciências e letras – UNESP/Araraquara. Araraquara. 2014.

NAMONE, Dabana. **Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino**: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali. Tese (Doutorado em ciências sociais) – Faculdade de ciências e letras – UNESP/Araraquara. Araraquara. 2020.

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes; LUZ, Maria Aparecida Carvalho Alencar. **Pesquisa científica: conceitos básicos**. Id online Revista multidisciplinar e de psicologia, ano 10, n. 29, 2016.

PATELLI, Mariana Burckarte. **Neurociência, bilinguismo e o processo de aprendizagem na primeira infância**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas. 2015.

PRUDENTE, Eunice. **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. Radio USP. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em 11 de mai. 2021.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: Lander, E. (Org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. p. 117-142.

REHDER, Maria; SILVA, Rui da; MONTEIRO, Talismã Nice Fero Gomes Dias da Silva. **DA GUINÉ-BISSAU AO BRASIL: IMPACTOS DA INSTABILIDADE POLÍTICA NA MANUTENÇÃO DOS PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS PARA A EDUCAÇÃO**. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 39, n. 145, p. 962-979, Dec. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302018000400962&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000400962&lng=en&nrm=iso). Acesso em 10 mai. 2021.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU. Ministério da Educação Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e dos Desportos. Lei de Bases do Sistema Educativo. 2011.

RESENDE, Ana Catarina Zema de. **Direitos e autonomia indígena no Brasil (1960-2010): uma análise histórica à luz do sistema-mundo e do pensamento decolonial**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – UnB. Brasília. 2014.

SEMEDO, R. J. O Estado de Guiné-Bissau e os desafios político-institucionais. **Tensões Mundiais**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 95–136, 2018. DOI: 10.33956/tensoesmundiais.v7i13 jul/dez.588. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/588>. Acesso em: 5 mai. 2021.

SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e. **Lei nº 10.639/2003 – 10 anos**. Interface de Saberes, v.13, n. 1, ISSN: 1981-6812. 2013.

SILVINO Lopes Évora, Helena Sousa. **O MAPA POLÍTICO E A LIBERDADE DE IMPRENSA NA GUINÉ-BISSAU: ANUÁRIO LUSÓFONO**. 2007 p.81-83. Disponível em: <http://docplayer.com.br/7432567-O-mapa-politico-e-a-liberdade-deimprensa-na-guine-bissau.html>. Acesso em 02 Mai 2021.

TONÁCIO, Glória de Melo; *et al.* **Raça, classe e etnia: O ensino das ciências na educação básica**. In Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, X, Águas de Lindoia, 2015. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/x-enpec/anais2015/resumos/R1150-1.PDF>. Acesso em: 13 mar. 2021.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, estado, sociedade: Luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito-Ecuador: Universidade Andina Simón Bolívar/Ediciones Abya-Yala, 2009.

## APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Seguindo o modelo de apresentação por Minayo (2010).

a, c) Apresentação: Deverá ser dito o nome, unidade de ensino, motivo de trabalho de conclusão e curso.

b, d) Interesse e motivos da pesquisa: comentar sobre o interesse em conhecer como é o ensino no país de Guiné-Bissau, principalmente o de ciências e em específico física e as visões do entrevistado quanto aos assuntos.

f) Conversa inicial: perguntar como o entrevistado está se sentindo, se está confortável com os assuntos.

Ao discorrer tal início e após a breve conversa que pode se dar conforme o tópico f)

- 1) Pedir uma breve apresentação do entrevistado, coisas como nome, nacionalidade, ano de conclusão do ensino secundário e tempo morando do Brasil, além de perguntas, como se está gostando do país, sente falta de algo.
- 2) Quais lembranças tem do início da vida escolar (ex: como era a escola e como era dividido os anos escolares, os amigos e professores).
- 3) Houve dificuldades para a conclusão de alguma forma?
- 4) Quais os bons momentos e motivações você tinha na escola?
- 5) Como era o governo frente a educação?
- 6) Houve algo direto neste tema que prejudicou o ensino?
- 7) Quando houve o ensino de ciências? E de física?
- 8) Como era o professor e suas aulas?
- 9) Havia livros?
- 10) Comentários e considerações finais.

## APÊNDICE B – RELAÇÃO DE OBJETIVOS E PERGUNTAS A SEREM FEITAS

objetivos específicos	perguntas	nº do objetivo
1) saber como é o sistema educacional e aspectos deste sistema	Como era o cotidiano na escola, os amigos e os professores?	2
2) como eram os prédios e instituições de ensino	Como era a escola e as divisões dos anos escolares?	1
3) entender um pouco se havia funcionários e como era na visão dele o tratamento	Quais as dificuldades e motivações que você teve durante a escola	4
4) entender um pouco das dificuldades encontradas para estudar e como foram os processos para chegar até hoje	Durante o estudo, como era o governo? Havia incentivo?	1
5) entender como era o ensino de ciências e física	Houve algo direto neste tema que prejudicou o ensino?	4
6) se havia professores suficientes	Quando houve o ensino de ciências? E de física?	5
	Como era o professor e suas aulas?	3, 5, 6
	Havia livros?	5